

**AUGUSTO: REPRESENTAÇÕES, REPRESENTATIVIDADE E
ALTERIDADE NA LEGITIMAÇÃO DO PODER DO *PRINCEPS***
**Augustus: Representations, Representativeness and Otherness in the legitimation of
Princeps' power**

(Artículo recepcionado el 3/10/2020, aceptado el 10/12/2020)

NATÁLIA FRAZÃO JOSÉ *

Universidade Estadual Paulista/Franca

Bolsista PNPd - CAPES

ntjhist@gmail.com

Abstract: Augustus, considered by many to be the first Roman Emperor, is the focus of numerous analyzes, which, in turn, exposes numerous facets of this ruler. This article proposes a brief essay about how discursive images and material creations, such as coins, were fundamental to legitimize the power of this *Princeps*, his representations and representativeness.

Keywords: Principate; Augustus; Representations; Representativeness; Coins.

Resumo: Augusto, considerado por muitos o primeiro Imperador romano, apresenta-se como o foco de inúmeras análises, que, por sua vez, expõe diversas facetas deste governante. Este artigo apresenta como proposta um breve ensaio acerca de como as imagens discursivas e as criações materiais, tais como as moedas, foram fundamentais para a legitimação do poder deste *Princeps*, de suas representações e representatividades.

Palavras-Chave: Principado; Augusto; Representações; Representatividade; Moedas.

* Pós-Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Franca, sob a supervisão da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho e Bolsista PNPd CAPES (Proc. 88882.317801/2019-01). Membro do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano.

1. Introdução

Em sociedades antigas, tais como a romana, que não conheceram a mídia impressa e/ou televisiva, os folhetos, os outdoors, ou mesmo, as mídias sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, capazes de circular notícias e, especialmente em nosso momento, *fakenews* a uma velocidade impressionante, as formas de comunicação social em larga escala dependiam de vários graus de circulação, ou seja, da visibilidade de um determinado objeto ou texto. Quanto mais evidente e difundido o texto ou objeto, maior a probabilidade que a mensagem transmitida atingisse os diferentes segmentos da sociedade. Esta denominada circulação, como nos diz João Batista de Toledo Prado (2011: 13-14):

(...) em sociedades como aquelas, dizia-se, as formas de comunicação social em larga escala dependiam de vários graus de circulação, seja a que ocorria quando transeuntes, frequentando ou passando por ruas, prédios, edifícios e espaços públicos, contemplavam pinturas murais e estátuas, seja a que se dava por meio de objetos de natureza vária, projetados para migrar de um proprietário a outro, tais como vasos e moedas, e que, quase invariavelmente, serviam de suporte para representações imagéticas e/ou textuais, cujos múltiplos e vários motivos iam do repertório mitológico à cena política, não raro mesclando as duas esferas.

Em outras palavras, ao tratarmos do período que fora denominado como Antiguidade, sendo ela a Clássica ou a Tardia, devemos levar em consideração que vasos, moedas, paredes e construções arquitetônicas variadas, desempenham funções diversificadas, indo muito além das funcionalidades pragmáticas para as quais foram criadas em primeira instância. Desta maneira, poderiam funcionar como “(...) vetores de amplo espectro e de múltipla e matizada intenção” (PRADO, 2011: 14). Tais características também podem ser percebidas na produção textual deste período. Divulgados, inicialmente de forma oral, o legado literário antigo, repleto de elementos retóricos e da oratória, apresentam a mesma funcionalidade que os artefatos materiais: a produção de um discurso que, ao ser assimilado por aqueles que o escutam/ leem, torna-se capaz de transmitir certas informações em detrimento de outras; elocuições criadas por autores, frutos de suas épocas e subjetividades, que geram e propagam imagens discursivas.

Estas mesmas imagens discursivas carregam em seus cernes distintas formas de representações¹ e representatividades², que são perpassadas entre sociedades diversas, em épocas distintas, através de uma multiplicidade de indivíduos. É em meio a tais percepções, entre os entrelaçamentos de discursos e artefatos materiais, que deparamo-nos com as construções da figura de Augusto, Imperador romano, que apresenta a sua vida entretecida e, em grande parte das vezes, pautada nas inúmeras representações sobre sua persona e sobre o sistema de governo iniciado por ele. Constructos estes elaborados em torno de relações de poder, legitimidade e alteridade³, de memória e esquecimento, do ato de lembra-se e de esquecer-se.

2. A criação do Principado: Augusto e sua Legitimação

As questões pertencentes às relações de poder e alteridade no Principado Romano não possuem suas nascentes apenas no período augustano. Suas ramificações são mais profundas, vetustas, desde o momento em que as expansões das fronteiras romanas passaram a desarticular o sistema republicano vigente, tornando possível as suas adequações, transformações que impeliram líderes

¹ O termo representação encerra em si mesmo uma grande complexidade de significados. Etimologicamente, “representação” oriunda-se da forma latina *repraesentare*, fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de objetos, artefatos e produções textuais. Para Roger Chartier (1991:16), a representação é o resultado de uma prática, sendo, por exemplo, a literatura uma representação, o resultado de uma prática simbólica, capaz de produzir outras representações, reais ou imaginárias. Logo, a representação em si, é elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo vivenciado por aquele que a cria ou que a assimila, visão está que está em concordância com a aceção apresentada por este artigo.

² Norberto Bobbio define representatividade como a expressão do interesse de um grupo (social, político, cultural) na figura de um ou mais representantes. A representatividade possui como um dos fatores essenciais a construção de subjetividades e identidades dos indivíduos que integram tais grupos construtores de representatividades. Em suma, significa dizer que este conceito não é apenas a organização de grupos buscando que seus interesses sejam representados e garantidos, mas é, sobretudo, parte da formação do que é o indivíduo que compõe esse grupo.

³ O conceito de alteridade, aqui utilizado, traduz a visão de si perante o outro. Em outras palavras, expressa e determina a qualidade, estado ou características do outro perante a si mesmo. Por isso, o processo de diferenciação estabelecido entre o eu e o outro é importante para a definição do entendimento do que eu sou, do que o outro é e, portanto, do que não sou. Com isso, a partir do entendimento dessas noções é que se firmam as diferenças entre o eu e o outro.

autocráticos a tentarem estabelecer seus próprios governos, suas lideranças pessoais e, por muitas vezes, independentes do corpo político senatorial.

Concomitante a todo este processo, como bem destaca Barbara Levick (2010: 35), Augusto evidencia-se em meio a conturbada cena política que passa a ser intrínseca ao seu apogeu como governante. Destaca-se, pois, simultaneamente, ao seguir os passos de seu ancestral, Júlio César, afastando-se das características que levaram a sua morte: a aproximação com os modelos monárquicos de governante. Logo, o herdeiro de César consegue manejar sua posição política de modo a dotar a sociedade de uma nova estrutura de governo, o Principado, mas sem apresentá-la como algo novo, como algo que seria rechaçado pelos romanos do período. Veste-a com uma roupagem diferente: Tratar-se-ia de um projeto de reestruturação da *Res Publica*. Com isto, atribuí a si mesmo o papel de salvador da *Res Publica*, de Roma, do *Mos Maiorum*. Papel que lhe será, por conseguinte, outorgado pelos anos que lhe sucederão, chegando, inclusive, aos nossos dias atuais.

Nascido Otávio⁴ em 63 a.C⁵., o filho de Áttia e Caio Otávio vivenciou, desde o princípio, uma sociedade romana que enfrentava profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. Como já destacado, a *Res Publica* não era capaz de responder de forma eficiente as necessidades que o momento colocava e, por isso, partia-se com a concentração de pequenos poderes centrados nas mãos de líderes autocráticos. Em meio a estes, estava Caio Júlio César, tio-avô de Otávio e importante personagem do período da República Tardia, que, após ter concentrado imensos poderes em suas mãos, dando as bases para o que viria a ser o Principado, foi assassinado a facadas por aqueles que o chamavam de tirano. Nesta ocasião, em

⁴ O Imperador que receberá o título de Augusto apresenta, no perpassar de sua História, nomes distintos, que modificam-se de acordo com sua posição política. Nasce como Otávio 63 a.C., torna-se Caio Júlio César com a adoção pós-morte de seu tio avô (44 a.C.), recebendo, neste mesmo período a alcunha de Otaviano (nome que nunca aceitou ou propagou). Por fim, em 27 a.C., é aclamado como Augusto pelo Senado, título que o acompanhará eternamente. (GALISNKY, 2011: 16).

⁵ Segundo Veléio Patérculo, autor do século I a.C.: “O nascimento do Divino Augusto, que iria obscurecer a todos os homens de todas as naturalidades com sua grandeza, há noventa e dois anos atrás, acresceu de brilhantismo o consulado de Cícero”. (*História Romana* II, 36).

44 a. C., Otávio contava com 18 anos. Não havia desempenhado cargos de grande relevância em meio à sociedade romana e não se constituía em uma persona de grande fama pública, contudo, recebera de seu tio-avô algo muito peculiar para as tradições romanas: a adoção testamentária. Como podemos entrever no trecho abaixo, de Caio Suetônio Tranquilo (*O Divino Augusto*, 83.3-4)⁶:

“Mas no último testamento, instituiu herdeiros três netos de suas irmãs, Caio Otávio, em três quartos, Lúcio Pinário e Quinto Pédio, na quarta parte restante; na parte final do testamento adotou Caio Otávio e lhe deu seu nome, tendo nomeado tutores dos filhos que lhe viessem a nascer a maior parte dos que o apunhalaram; entre os herdeiros de segundo lugar estava até mesmo Décimo Bruto. Legou ao povo, coletivamente, os jardins do Tibre, e trezentos sestércios por pessoa”.

Assim, ao ser nomeado por César como seu herdeiro, o jovem tem que, basicamente, criar a si mesmo. Faz-se necessário que sua imagem demonstre, de certa forma, a sua capacidade de gerir os assuntos de Roma frente aos problemas daquele período, afastando-se das características que fizeram com que seu antecessor fosse morto e aproximando-o daquelas que lhe possibilitaram sua ascensão. Otávio criou-se e recriou-se inúmeras vezes, transformando-se à medida que o Império Romano era transformado. Apesar de muitos estudiosos defenderem que o poder augustano estava concentrado em seu poder militar, é em suas representações artísticas, textuais e materiais, que nos deparamos com as constantes construções de sua imagem, imagem esta que se modifica de acordo com a sua importância política, com o desenvolvimento de seu poder, assim como seu nome.

Todos esses artifícios precisaram ser empregados desde o momento em que Otávio chega a Roma, após o assassinato de seu tio-avô. Nesta ocasião, depara-se

⁶ Veléio Patérculo e Caio Suetônio Tranquilo viveram a sociedade romana de maneiras distintas. Veléio, em meio aos séculos I a.C. e I d.C., fez parte do exército romano, chegando a ocupar cargos iniciais do *Cursus Honorum*. Suetônio, fruto dos séculos I e II d.C., exerceu cargos administrativos dentro do Império, sendo nomeado, inclusive, *ab epistulis*. Ainda, cada um apresenta uma forma peculiar de escrita, tendo o primeiro escrito uma espécie de *Compendium* chamado, posteriormente, de História Romana, e o segundo sendo o autor de doze biografias pertencentes aos doze primeiros Imperadores (Júlio César incluso). Contudo, apesar das diferenças, as narrativas sobre determinados personagens, principalmente Augusto, são extremamente semelhantes, algo que muito nos intriga.

com a oposição de Marco Antônio, braço direito de César e cidadão romano em pleno desempenho de seu *cursus honorum*. Assim, caberá a Otávio construir sua imagem pública e política de uma forma totalmente distinta. Se nada possuía no campo da intervenção na vida pública, do prestígio junto ao povo ou na aristocracia romana, do brilho militar ou nos desempenhos de atividades institucionais, recorrerá a recursos da vida política: utilizará da legitimação, através das heranças hereditárias e tradicionais romanas.

Logo, a visão aqui apresentada corrobora-se com a passada por alguns estudiosos, tais como Rosé Baceló e M. Catania (2003: 22), quando estes ressaltam que o fato de Júlio César tê-lo adotado, foi um dos principais elementos para a ascensão política, social, econômica e militar daquele que agora passará a ser chamado, por muitos, de Caio Júlio César “Otaviano”.

Após a sua instituição testamentária como filho de César, Otávio autodenomina-se Caio Júlio César, ou seja, o nome César que ascendia ao poder. Ao fazer uso de tal nome, dentro desses parâmetros, o herdeiro usufruía ainda mais da herança e da memória política e social que seu tio lhe deixara. Era um nome que transmitia todo seu poder e legitimação. Ainda, após a deificação de César, em 42 a.C., o seu herdeiro passou a intitular-se *Diui Ivlii Filius*, filho do Divino Júlio, atribuindo-se, desta forma, elementos do âmbito mítico e religioso. Destarte, a divinação de César constituiu-se em um dos fatores fundamentais para a ascensão política daquele que clamava ser seu herdeiro. Este elo hereditário nos é passado, inclusive, pela a cunhagem de moedas, como esta aqui exposta:



Imagem: RSC – *Forum Ancient Coins*.

Material: Prata

Tamanho: 18mm

Peso: aprox..3,8 gramas

Anverso: busto barbado do futuro Augusto.

Legenda Anverso: IMP CAESAR DIVI F III VIR ITER R P C

Legenda Reverso: COS ITER ET TER DESIG - DIVO IUL (na fachada do templo)

A imagem acima representa o que acredita-se ser o primeiro denário com a face do jovem César (futuro Augusto). Com datação incerta, aproximando-se dos anos de 38 – 36 a.C., o denário apresenta em seu anverso a imagem do herdeiro de César, com semblante pesaroso e barbado, o que alude ao fato de ainda portar-se em luto pelo falecimento de seu pai adotivo. Na legenda lemos: “Imperador César, Filho do Deificado, Triúnviro para o Estabelecimento do Bem ao Povo pela Segunda Vez.”. No reverso, temos a imagem do Templo do Divino Júlio, ainda inacabado no período da cunhagem. Nesta representação, ainda pode-se notar o escrito “DIVINO JÚLIO”. Esta ênfase mostra o quão ansioso Otávio estava por forjar um elo entre ele e sua herança divina, salientada aqui através da construção de um templo. A figura velada que vemos no reverso da moeda está segurando uma espécie de *augur* ou *lituus* e, provavelmente, deve se tratar de uma estátua de Júlio César. A estrela, no topo do templo, possui um significado específico. É a *Sidus Iulim* e, mais uma vez, trata-se de uma menção a ascendência divina do jovem herdeiro cesariano. Alguns meses após a morte de César, Otávio realizou os *Ludi Victoriae Caesaris*, jogos que duraram de 20 a 28 de julho de 44 a.C, ao mesmo

tempo que ocorria um festival para homenagear *Vênus Genetrix*, considerada a divindade protetora da família Júlia e, especialmente, de Júlio César. Nesta ocasião, supostamente, um cometa riscou o céu de Roma, o qual foi nomeado como a estrela de César. Otávio proclamou que se tratava da ascensão de César aos céus, de César deificado e que provava, desta maneira, sua legitimidade como filho de um deus. (LICHT-RAMSEY, 1997: 02)⁷.

Ainda, na mesma ocasião, o jovem herdeiro cesarino teria distribuído uma espécie de fichas (tokens), fabricadas em vidro e que possuíam sua face. Com uma produção mais em conta que as das cunhagens de moedas, apesar de serem mais perecíveis, essa forma propagandística seria capaz de atingir um número maior de pessoas rapidamente. Eis um dos exemplares remanescentes:



Token de Vidro. Octavian

Fonte: GALINSKY, K. (2012) *Augustus. Introduction to the Life of an Emperor*. New York: Cambridge University Press.

⁷ Após inúmeros estudos, através de ciências distintas, chegou-se a comprovação científica que, neste período, um cometa teria realmente cruzado a órbita da Terra, tendo sido observado e relatado em documentos antigos chineses. (LICHT-RAMSEY, 1997: 97)

Neste artefato, Otaviano concilia três imagens de fácil entendimento para os romanos que vivenciavam o período. Trata-se da sua face com o trono de César logo abaixo⁸ e duas cornucópias em ambos os lados, as quais representariam a abundância e o cumprimento do desejo testamentário de Júlio César para a distribuição de parte de seus legados ao povo romano. Assim, concluí-se que, muito além de jogos em homenagens aos triunfos de seu pai adotivo, Otaviano utiliza-se da ocasião para dar as bases de sua autopromoção, da propaganda augusta que se fará presente no decorrer de toda a sua trajetória política.

Além da cunhagem de moedas, de tokens de vidro e das passagens já citadas de autores como Veléio e Suetônio, é perceptível essa tentativa de legitimação também na *Res Gestae* (1.1-5)⁹:

“Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas. Com ele restitui à liberdade a Res Publica oprimida pelo domínio de uma facção. Por isso, o Senado admitiu-me à sua ordem com decretos honoríficos, ao mesmo tempo cedendo-me, no consulado de C. Pansa e A. Hircio, a prerrogativa de sentenciar, a mesma dos cônsules, e entregou-me o poder. Ordenou ainda que, sendo eu pró-pretor, juntamente com os cônsules providenciasse que a Res Publica não sofresse qualquer desgaste. O povo, no mesmo ano, fez-me cônsul, já que os dois cônsules haviam tombado em uma guerra. Fez-me também triúmviro com a incumbência de que a Res Publica houvesse de se consolidar”.

⁸ De acordo com Plutarco (*Antônio* 15.2), Antônio não permite a exibição do trono de César durante os jogos em sua homenagem, algo que é citado pelo autor beoceno como uma espécie de afronta a seu herdeiro.

⁹ Amplamente discutidos, principalmente sobre sua autoria, os exemplares da *Res Gestae* que possuímos atualmente são somente cópias epigráficas e, a em melhor estado de conservação, é o documento denominado como *monumentum ancyranum*, encontrado na cidade de Ancira (atual Ancara - Turquia). Este, por sua vez, constituía-se em uma inscrição na entrada do templo dedicado a Augusto e a Roma. Inscrição esta que, de acordo com relatos antigos, como os de Suetônio, havia sido copiada da original, da qual não nos resta nenhum vestígio, e que se encontrava depositada diante do mausoléu da família de Augusto, como o próprio título deixa a entrever: “Abaixo uma cópia dos feitos do divino Augusto, pelos quais submeteu o mundo ao poder do povo romano, dos gastos que fez pela *Res Publica* e pelo povo romano, registrados em dois pilares de bronze postos em Roma”. A proliferação da *Res Gestae* pelo Império Romano teria ocorrido durante o governo de Tibério, tendo assim chegado a Apolônia, a Ancira e a Antioquia. Ainda, a compreensão do texto só foi possível após a comparação e a união de trechos das duas versões encontradas em Ancira, uma em grego e outra em latim.

Essa passagem dá início ao documento *Res Gestae Diui Augusti* ou, como popularmente passou a ser conhecida, a *Res Gestae*, o que viria a ser uma espécie de biografia política acerca dos feitos augustanos e uma de suas mais importantes armas propagandísticas.

Apesar dos inúmeros debates e controvérsias que cercam a escrita da *Res Gestae*, assim como acontece com grande parte dos escritos provenientes da Antiguidade, esta obra epigráfica é extremamente emblemática para a compreensão acerca da legitimação do poder augustano e como isto se dá através da alteridade. A princípio, já podemos notar como Augusto, ou o autor responsável pela escrita da *Res Gestae*¹⁰ coloca-se ou é colocado perante a sociedade romana de seu tempo. Desmembrando a passagem citada, podemos perceber determinados aspectos.

Primeiramente, ao referir-se que, aos dezenove anos teria formado seu próprio exército, Otaviano mencionava os espólios que havia recebido de seu tio-avô, Júlio César. Como bem sabemos, é em 8 de maio de 44 a.C., que Otávio aceita formalmente o testamento de César, tornando-se, logo em seguida, Caio Júlio César, ou o Otaviano, como o tratavam popularmente.

A opressão da qual libertara Roma pode ser entendida como a figura de Marco Antônio e seus aliados, personagens de grande importância no cenário político de 44 a.C. Interessante perceber que, no decorrer da *Res Gestae*, o nome de Marco Antônio nunca é explicitamente citado. Isso porque a inscrição foi realizada, supostamente no primeiro século d.C., em um momento onde Antônio já havia sido declarado inimigo de Roma, sofrendo, portanto a *damnatio memoriae*. Contudo, mesmo não havendo a menção de Antônio nesta epigrafia, o mesmo não acontece na obra de alguns autores da Antiguidade, que relatam: “O ódio aumentava entre dois homens de natureza tão distinta e com diferentes interesses, e, por isso, o jovem Caio César sofria com o assédio diário de Antônio”. (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* 2.60). Ou, ainda:

¹⁰ Visto que há uma ampla discussão acerca de sua autoria.

A cidade estava sufocada pela opressão de Antônio. Todos sentiam dor e indignação, porém, não possuíam força para lhe fazer frente, quando Caio César, que iniciava o décimo nono ano de sua vida, com a coragem para ações admiráveis e para a busca de objetivos importantes por iniciativa própria, mostrou maior providência que o Senado na proteção da República (...). (VELÉIO PATÉRCULO, *História Romana* 2.61)

Apesar de Antônio, por si mesmo, ser ameaça suficiente a paz e a Res Publica romanas, Lépido uniu-se a ele e, por assim dizer, adicionou fogo ao incêndio. O que poderia ser feito contra dois cônsules e dois exércitos? César (futuro Augusto) foi forçado a tornar-se parte deste pacto horrendo. Os três líderes eram distintos tanto em seus objetivos quanto em suas personalidades. Lépido era movido pelo desejo de riqueza, a qual esperava acumular através da perturbação da Res Publica; Antônio desejava vingança contra aqueles que o declararam inimigo; César era estimulado pelo pensamento que a morte de seu pai permanecia impune e que a sobrevivência de Bruto e Cássio era um insulto para o seu espírito. A partir desses objetivos a paz foi estabelecida entre os três homens. (FLORO¹¹, *Epítome de Tito Lívio* 2.14)

Por conseguinte, Augusto¹² afirma inúmeras vezes que tanto o Senado quanto o povo o escolheram para ocupar os cargos que viera a ocupar. Enxerga-se, nesse ponto, a constante tentativa de afirmação de que o novo governante não era um *Rex* ou mesmo um *Dictator*. Augusto, desde o início, tentava demonstrar que a sua *potestas* provinha de sua *auctoritas*. Ou seja, Augusto detinha o seu poder através da sua *auctoritas* bem mais do que através de sua *potestas*¹³. Augusto não teria sido investido oficialmente de sua *auctoritas*, como os diversos documentos nos possibilitam entrever. Entretanto, isso não quer dizer que ele não a deteve e não usufruiu da mesma para legitimar tanto a si mesmo quanto a estrutura política que surgia mais fortemente durante o seu governo. Legitimação esta que se pautava, principalmente nos seus elos hereditários: “Por demandas legais, expulsei para o exílio, tendo punido seu crime, os que haviam matado o meu pai e, em seguida,

¹¹ Lúcio Annaeus Floro, autor da obra que foi nomeada como *Epítome de Tito Lívio*, viveu, provavelmente, em meados do século II d.C.

¹² Utilizamos aqui esta titulação devido a data da criação deste documento epigráfico, a qual era posterior a 27 a.C., momento que Otaviano já fora nomeado como Augusto.

¹³ Apesar de tais poderes deterem uma complexidade de definição, a *auctoritas* aproximar-se-ia do poder obtido através da legitimação pessoal, conotando prestígio e influência e que, constantemente, necessitava de reafirmação. Já a *potestas* alude ao poder formalmente instituído através do desempenho de magistraturas e títulos.

vencio-os duas vezes em combate ao declararem guerra a Res Publica”. (*Res Gestae* 2.1).

Notamos, claramente nesta passagem o uso da genealogia como forma de legitimação, como maneira de fortificação de sua *auctoritas*. Contudo, há a necessidade de olharmos a adoção de Otávio por César com outros olhares. A adoção pós-morte não era prática comum entre os romanos ¹⁴. Por este motivo, apesar de não ser sem precedentes, não encontramos indicações, fora das obras de autores posteriores a Augusto, de que sua adoção tenha sido aceita, logo de início, pelos veteranos de Júlio César e pela população em geral. Há indícios, em atas senatoriais, que esta teria sido, inclusive, considerada inválida. Contudo, Otávio buscou por validação perante a uma das mais antigas instituições romanas: a *Comitia Curiata*. Porém, qual a mensagem que Otávio buscava passar com essa ação?

Antes de mais nada, ele forçava a sua legitimação como herdeiro de César, porém, o fazia de maneira a se afastar dos erros de seu pai adotivo: respeitando as tradições mais antigas da *Res Publica* romana, usando para tanto, as relações de alteridade para com aquele que lhe atribuía o poder. Mais uma vez, destaca-se que Otávio, futuro Augusto, aproxima-se da imagem de Júlio César para legitimar-se, adotando, inclusive o seu nome. Porém, para permanecer no poder, afasta-se das características que levaram seu tio-avô à morte, de qualquer relação com poder autoritário ou monárquico. Surge como aquele que pretende salvaguardar a *Res Publica*: “Exerceu o triunvirato a fim de organizar a Res Publica por dez anos; no exercício dessa função, lutou por algum tempo contra os colegas para que não houvesse proscricão (...)”. (Suet. *Aug.* 27.1).

Ainda, ser legatário de César trazia consigo uma implicação no plano cultural e simbólico. Colocava-o, não só como herdeiro de César, como também

¹⁴ Como já salientado, a adoção em Roma acontecia, mais comumente, quando o adotante ainda estava vivo.

herdeiro dos Júlios, família que atestava possuir ligações ancestrais com Vênus e Anquises, uma deusa e um herói¹⁵.

A cunhagem de moedas, novamente, assume um papel muito especial durante todo o governo augustano, principalmente nos primeiros anos, quando este precisava legitimar seu poder, seja por sua própria persona, seja por sua ancestralidade. Talvez uma das representações mais expressivas dentro destes parâmetros esteja vinculada ao aparecimento de Capricórnio como o símbolo de nascimento do futuro Augusto. De acordo com Suetônio (*Aug.* 94.12) e com algumas inscrições sem autoria, datadas do século I a.C., Otávio teria nascido entre 22 e 23 de setembro, sendo assim um libriano. Ora, qual seria o motivo de suas representações monetárias referirem-se a Capricórnio como sendo seu signo de nascimento, como podemos notar na imagem abaixo?



Fonte: Cortesia da *American Numismatic Society* (<http://numismatics.org/>).
Material: Prata. **Tamanho:** 18mm. **Peso:** aprox..3,23 gramas
Anverso: A Face de Augusto. **Legenda Anverso:** sem legenda. **Legenda Reverso:** *Augustus*
Análise do Reverso: O símbolo de Capricórnio segurando a *orbi* com uma cornucópia em suas costas.

¹⁵ Podemos perceber a importância do culto a Vênus, inclusive, nas construções arquitetônicas do período Júlio-Claudiano. Júlio César, após a vitória contra Pompeu em 48 a.C., inicia a construção do templo de *Vênus Genetrix*, a deusa representada como a mãe, a criadora. Por sua vez, anos mais tarde, após sua morte, seu sobrinho-herdeiro é o responsável por dar continuidade a obra, a qual é completamente finalizada em 113 d.C., por Trajano.

Uma das possíveis explicações para isso, apesar de pouco consistente, estaria no fato que, após as reformas no calendário realizadas por Júlio César, o nascimento de Otávio, retroativamente, teria ocorrido próximo ao solstício de inverno e, portanto, sob o signo de Capricórnio (BARTON, 1995: 36). Outra possibilidade está no período de concepção do futuro Augusto, sendo este exatamente 273 dias antes de seu nascimento, período regido astrologicamente por Capricórnio (SPARAVIGNA, 2019: 02). Apesar de tais explicações, de certa forma, excêntricas, a elucidação mais pertinente, defronte a todas as pesquisas realizadas, interliga-se, mais uma vez, com os aspectos propagandísticos do governo augustano, que procurava relacionar este governante ao primeiro governante de Roma, Rômulo, que possuiu seu nascimento conectado a capricórnio. Como destaca Tamsyn Barton: “Datas precisas de nascimento não eram essenciais para o trabalho do astrólogo. Este estava bem preparado para procurar pelo horóscopo apropriado para as circunstâncias de seu cliente”. (BARTON, 1995: 32).

A questão astrológica pode parecer, por vezes, de pouca importância para o leitor contemporâneo. Contudo, a religião romana interliga-se a todos os aspectos da vida cotidiana, principalmente às questões públicas e relacionadas ao poder. Representatividade é tudo! O capricórnio, além de sua relação com Rômulo, é muito popular devido a sua polivalência, podendo apresentar significados distintos para pessoas diversas. Pode ser relacionado a liberdade política, como aparece na Eneida, de Virgílio ou no Altar da Paz de Augusto, o famoso Ara Pacis. Além disso, Capricórnio também pode significar sorte ou, como os romanos a denominavam, Fortuna.

No final, o capricórnio de Augusto estabelece-se como uma espécie de logo propagandístico, sendo representando, por inúmeras vezes segurando a orbi, que aludia ao mundo conhecido. Na imagem aqui apresentada, Capricórnio segura a orbi e, ainda, possui em suas costas, a cornucópia, aludindo abertamente a fortuna e a prosperidade que o herdeiro seria capaz de proporcionar a Roma. Mais uma vez, o poder e a legitimação deste governante aparecem conectados as questões relacionadas a ancestralidade romana, as suas tradições.

Os mesmos artifícios propagandísticos serão utilizados em um momento peculiar da vida do futuro Augusto, quando a disputa contra Marco Antônio torna-se cada vez mais acirrada, encaminhando-se para uma batalha. As moedas, por terem grande circulação, neste período inicial tiveram grande importância, principalmente nos momentos que antecederam o conflito final contra Antônio, seu inimigo desde sempre, e Cleópatra. Vide as representações abaixo:



Fonte: Bibliothèque Nationale de France (bnf.fr/fr)

Material: Prata

Tamanho: 18mm

Peso: aprox.. 3,1 a 3,24 gramas

Anversos: A Face de Augusto

Legenda Anversos: sem legenda

Legenda Reverso 1: *Caesar*

Legenda Reverso 2: *Caesar Divi F*

Legenda Reverso 3: *Caesar Divi F*

Nestes denários, cunhados antes da batalha de Áccio, vemos Otaviano sendo representado, respectivamente, com as deusas Pax, Vênus e Vitória, como uma forma de demonstrar que este triúnviro estava destinado a vencer. Representações semelhantes aparecem anos depois, nos escritos de autores diversos. Nas palavras de Veléio (*História de Roma* 2.85): “Logo chegou o dia mais decisivo, em que César e Antônio combateram com as esquadras frente a frente, um pela salvação, outro pela destruição da urbe”.

Visão semelhante aparece em Plutarco (*Antônio* 60.1) quando este relata que:

Quando César já contava com preparativos suficientes, votou-se para que se decretasse guerra contra Cleópatra e para que se tirasse de Antônio a autoridade a qual ele tinha rendido a uma mulher. A isto, César adicionou que Antônio tinha sido enfeitiçado e que não era mais senhor de si mesmo, e que os romanos guerreavam contra o eunuco Madião, Potino, Iras, a dama de companhia de Cleópatra e Charmian, justamente os encarregados por gerir os principais assuntos do governo.

O jovem César é descrito como sendo o salvador de Roma, aquele que luta pela *Res Publica*, enquanto Antônio constitui-se em sua antítese. As questões pertinentes a alteridade estão amplamente presentes nestas representações, uma vez que a figura do futuro Augusto possui como sua base criacional, além dos elos hereditários com César, as dessemelhanças com Antônio, a personificação do inimigo romano, do estrangeiro, da ameaça a liberdade.

Após Áccio, em 31 a.C., onde Marco Antônio é derrotado, juntamente com Cleópatra, as representações modificam-se. Dentre os vários exemplos, escolhemos este denário de prata, que em seu anverso consta a imagem de Otaviano com a inscrição Divino Filho de César. Logo abaixo da efigie de Otaviano, vemos a representação de Capricórnio. No reverso, temos a imagem de um crocodilo, que no período representava o Egito, com a boca fechada e com os dizeres Egito Cativo ou Capturado.



Fonte: Bibliothèque Nationale de France (bnf.fr/fr)
Material: Prata
Tamanho: 18mm
Peso: aprox.. 3,22 mg
Anverso: A Face de Otaviano
Legenda Anverso: CAESAR DIVI F COS VI
Legenda Reverso: AEGVPTO CAPTA

É a partir desse momento que podemos notar, com maior amplitude, como Otaviano passa a dedicar-se a construir-se a si mesmo, por assim dizer. Após a batalha de Áccio, há uma massiva reconfiguração de Roma e de suas províncias perpetuada por Augusto. Como podemos notar nos trechos a seguir:

Construí a Cúria (Curiua Iullia) e uma anexo a ela, o Calcídico, o templo de Apolo com seus pórticos no Palatino, o templo do Divino Júlio, o Lupercal (gruta no monte palatino onde se julgava que Lupa tivesse amamentado Rômulo e Remo), o pórtico que leva ao circo Flamínio, ao qual permiti chamar-se de Otávia (...). Os templos de Júpiter Ferétrio e Júpiter Tonante no Capitólio, o Templo de Quirino, os templos de Minerva, da rainha Juno e de Júpiter da Liberdade no Aventino, o templo dos Lares no topo da via sacra, o templo dos deuses Penates em Vélia, o templo da Juventude e o templo da Grande Mãe (Magna Marter – Cibele) no Palatino.

Reformei o Capitólio (templo de Júpiter Ótimo Máximo) e o teatro de Pompeu, ambas as obras a custo vultuoso, sem nenhuma inscrição com meu nome. Reformei em muitos lugares aquedutos a ruir de velhice e dupliquei a capacidade do aqueduto chamado de “Marte” (*Aqua Marcia*, em latim). (...) Concluí o foro Júlio e a basílica que existiu entre o templo de Castor e o templo de Saturno, obra iniciada e adiantada por meu pai; reiniciei essa mesma basílica, consumida em um incêndio (...). Reformei 82 templos dos deuses na cidade (...) Cônsul pela sétima vez, construí a via Flamínia desde a cidade de Arimino e todas as pontes exceto a Múlvia e a Minúcia.

Construí em um terreno particular e com despojos de guerra o templo de Marte Vingador e o foro Augusto. Construí um teatro junto ao templo de Apolo em

um terreno em grande parte comprado de particulares, para que tivesse o nome de meu genro Marcelo. (*Res Gestae* 19-21, grifos nossos).

Através destas proclamações, podemos perceber que Augusto instituiu para seu governo uma política que também se baseava na demonstração de poder através de construções arquitetônicas, do embelezamento da cidade. O número de edifícios, construídos ou restaurados, aparenta-nos uma gritante demonstração de poder, político, militar, social, religioso, cultural. Destaca a paulatina construção de sua *auctoritas*. Construção esta que também é feita através da maneira que Augusto passa a ser representado.

Ao receber os espólios de Júlio César, Otávio contava com seus quase dezenove anos, ainda muito novo perante a sociedade romana para ter qualquer prestígio ou distinção política. Em outras palavras, sua imagem jovial não inspirava a confiança atribuída aos mais velhos, que já estavam cumprindo seus *Cursus Honorum* e detinham as principais características do *Mos Maiorum*. Entretanto, é neste momento que podemos entrever mais uma das manobras propagandísticas do futuro Augusto. Ao invés de deixar sua imaturidade e jovialidade atingir seu ápice ao poder, ele a usou a seu favor.

De acordo com Jay Clark (2003), há três momentos distintos nas representações sobre este Imperador. Seriam estes: de 44 a 27 a.C., de 27 a.C. a 14 d.C. e a partir de 14 d.C. O primeiro, que vai desde a morte de Júlio César até a nomeação como Augusto, e que nos transmite características de pertencimento ao período republicano romano e onde há a menção constante dos laços hereditários entre Otávio e seu tio-avô. O segundo, quando ele se torna Augusto até seu falecimento, já simboliza uma nova fase, onde autores como Paulo Martins (2011: 73), enxergam uma aproximação com os modelos gregos, que tendem a mostrar uma certa “idealização” do personagem. E, por último, o período após a sua morte, quando suas representações assumem um outro tom, expressando sua própria divindade. Como podemos notar neste exemplo:



Na primeira imagem, à esquerda, o jovem César é retratado seguindo os moldes republicanos. Cunhado na República Tardia, logo após a vitória de Áccio, este denário engloba características pertinentes a sua época. Já na segunda imagem, também um denário de prata, notamos um Augusto laureado, com o olhar, de certa forma, apoteótico, remetendo-nos a um viés mais helenístico, muito semelhante ao Alexandre de Lisipo, escultor grego do século IV a.C., cada vez mais distante do retrato modelar do período republicano. Vemos, nesta imagem, uma tentativa de ressaltar uma maior altivez do governante, uma postura que vem com o novo cargo que desempenha, uma vez que já é Augusto. Por sua vez, na terceira representação vemos um busto, datado já do século I d.C., em um período pós-morte de Augusto. Apesar de ter mais de 60 anos, a face do governante continua a mesma, sem sinais de sua idade, de seu envelhecimento. Os detalhes do cabelo, com longas mechas caídas acima das sobrancelhas, tendo uma espécie de franja mais longa a direita, com uma abertura entre a franja e o restante do cabelo à esquerda se transformou no traço distinto para identificar este Imperador. Há uma necessidade constante, desde o princípio de seu governo, da associação de seu poder com a juventude, caráter que o distingue dos magistrados do final republicano. Logo, mais um viés de sua legitimação encontra-se aqui: em sua juventude. O herdeiro de César faz

disso, também, a sua alteridade, transforma em seu poder. É jovem e, por isso, possui a força e a eficiência para salvar Roma daqueles que a destroem, tais como Marco Antônio. Ainda, sua caracterização como alguém sempre jovem desvia a atenção de seus conhecidos problemas de saúde, amplamente citados por autores antigos, tais como Plutarco e Suetônio. Este último, em *Divino Augusto* (80.1), conta-nos que o governante possuía pouca força no lado esquerdo do corpo o que fez com que, durante os meados de sua vida, passasse a mancar e a utilizar-se de certos artifícios que lhe permitissem andar e sustentar tal parte do corpo. Suetônio igualmente aborda algumas das doenças que vitimaram seu biografado ao longo da vida. Segundo o autor, Augusto padecia anualmente, de acordo com as estações, de alguns males, tais como constipações e inflamações intestinais. Tais doenças faziam com que Augusto adotasse, nesses períodos, determinados estilos de vida e cuidados com sua saúde. Apesar de tais aspectos, a obra suetoniana ainda nos diz que:

Desfrutou de rara beleza e foi bastante atraente ao longo de toda sua vida. Contudo, prescindiu de qualquer adorno e a tal ponto era descuidado com os cabelos que se prestava às pressas e ao mesmo tempo aos cuidados de vários barbeiros, e raspava ou aparava a barba enquanto lia ou mesmo escrevia algo. Tinha as feições tão tranquilas e serenas quando falava ou se calava, que um dos nobres gauleses declarou aos companheiros ter sido de tal modo inibido e abalado por sua presença que, ao ter-se aproximado dele a pretexto de conversar, não o lançou de um precipício durante a travessia dos Alpes como determinara a fazer. Tinha os olhos claros e brilhantes: chegava mesmo a desejar que se julgasse haver neles uma espécie de força divina, e alegrava-se caso, a alguém que o olhasse mais fixamente, fizesse baixar o rosto como que diante do brilho do sol. (SUET. *Aug.* 89.1-3).

O autor também ressalva que este era de estatura baixa, a qual era compensada pela proporção de seus membros, de pele que variava entre morena e clara, de cabelos levemente anelados e alourados, dentes pequenos e desiguais, orelhas de tamanho mediano, sobrelhas unidas e nariz sobressalente na parte de cima (*Aug.* 89, 4-5). Fala-nos ainda que: “Diz-se que seu corpo era marcado com sinais de nascença dispersos pelo peito e pelo abdômen, dispostos, quanto à forma, ordem e número, como as estrelas da Ursa Celeste (...).” (*Aug.* 80.1). Assim, até

mesmo no corpo, Augusto possuía marcas que o ligavam a questões divinas e celestes.

3. Considerações Finais

Vemos que Augusto constrói a si mesmo. Cria uma imagem específica, própria a ele, a qual perdura na História. Cria a sua identidade através da alteridade com os homens que lhe antecederam: Júlio César e Marco Antônio. Suas imagens são representadas de diversas formas, em inúmeras documentações, textuais e materiais. Viveu e ainda vive no imaginário de muitos. Para além disso, as imagens de Augusto, assim como a sua profusa modificação arquitetônica em Roma, servem para legitimá-lo, torná-lo legítimo como herdeiro de César, como governante de Roma, como *Princeps* e como *Augustus*. Se tornam símbolos do seu poder. Legitimam um Imperador e um Império. Legitimam uma sociedade e um modelo governamental. Criam um homem, glorificam um deus. São armas políticas e auxiliam a memória contra as forças do esquecimento. Podem não ser tão verossímeis quanto os pesquisadores gostariam, mas ajudaram na criação de algo que ainda hoje permanece nas areias da História: O Principado Romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUGUSTUS. (2007). *Res Gestae Divi Augusti*. Trad.: John Scheid. Paris: Belle Lettres.
- DION CASSIUS. (2011) *Histoire Romaine*. Traducción, Introducción et Notes par Guy Lachenaud et Marianne Coudry. Paris: Les Belles Lettres.
- FLORO. (2000) *Epítome de la Historia de Tito Livio*. Introducción, traducción y notas de Gregorio Hinojo Andrés y Isabel Moreno Ferrero. Madrid: Gredos.
- PLUTARCO, SUETÔNIO. (2007). *Vidas de César*. Tradução e notas de Antônio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade.
- PLUTARQUE. (1995) *Vies Parallèles I*. Traduction: J. Alexis Pierron. Revue et Corrigée par Françoise Frazier. Introduction, notices, notes, bibliographie et chronologie par Jean Sirinelli. Paris: Flammarion.
- SUENTONNIUS. (2009). *The Lives of Caesars*. Oxford: Oxford University Press.

VELÉIO PATÉRCULO. (2001). *História Romana I*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos.

_____. (2001). *História Romana II*. Trad. Maria Assunción Sánchez Manzano. Madrid: Gredos.

OBRAS GERAIS:

BACELÓ, J. - CATANIA, M. (2003). Las Bases del Poder de los Líderes Carismáticos durante La Crisis de La República Romana. S.I.A.C. In: ROJO, E. (org). *Representaciones Identitárias de la Roma Antigua*. Tucumán: Instituto Interdisciplinaria de literatura argentina y comparadas, 91-100.

BARTON, T. (1995). Augustus and Capricorn: Astrological Polyvalency and Imperial Rhetoric. *Journaul of Roman Studies*, 85, 33-51.

BOBBIO, N. (1998). *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB.

CHARTIER, R. (1990). A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), n.13, 108.

_____. (1991). O mundo como representação. *Estudos Avançados* (Rio de Janeiro), n.11, 5.

CLARKE, J. (2003). *Art in the Lives of ordinary Romans*. California: University of California Press.

FALCON, Francisco J.C. (1997). História das ideias. In: CARDOSO, S.F; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da história*. Rio de janeiro: Ed. Campus, p.91-94.

GALINSKY, K. (2012). *Augustus. Introduction to the Life of an Emperor*. New York: Cambridge University Press.

LEVICK, B. (2010). *Augustus: Image and Substance*. London: Pearson.

LICHT, L. - RAMSEY, J.T. (1997). *The Comet of 44 B.C. and Caesar's Funeral Games*. Harvard Smithsonian Center for Astrophysics: Atlanta.

MARTINS, P. (2011). *Imagem e Poder. Considerações sobre as Representações de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp.

PRADO, J.B.T. (2011). É Ver para Fazer Crer. In MARTINS, P. (2011). *Imagem e Poder. Considerações sobre as Representações de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp.

SPARAVIGNA, A. (2019). Octavian Augustus at Apollonia and the statement of his astrological sign. *Zenodo*, August 2019, 1-5.